



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

THUANY ASEVEDO FARIAS DO VALE

**DIÁLOGOS SOBRE A PRÁXIS ENQUANTO CATEGORIA FILOSÓFICA E SUA
EXPRESSÃO NA FORMAÇÃO HUMANA**

FORTALEZA
2022

THUANY ASEVEDO FARIAS DO VALE

DIÁLOGOS SOBRE A PRÁXIS ENQUANTO CATEGORIA FILOSÓFICA E SUA
EXPRESSÃO NA FORMAÇÃO HUMANA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Faculdade de Educação da Universidade
Federal do Ceará, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciado
pleno em Pedagogia.

FORTALEZA
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- V243d Vale, Thuany Asevedo Farias.
DIÁLOGOS SOBRE A PRÁXIS ENQUANTO CATEGORIA FILOSÓFICA E SUA EXPRESSÃO NA
FORMAÇÃO HUMANA / Thuany Asevedo Farias Vale. – 2023.
45 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação,
Curso de Pedagogia
, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. Justino de Sousa junior.
1. Práxis. 2. Trabalho. 3. Formação Humana. I. Título.

CDD 370

THUANY ASEVEDO FARIAS DO VALE

DIÁLOGOS SOBRE A PRÁXIS ENQUANTO CATEGORIA FILOSÓFICA E SUA
EXPRESSÃO NA FORMAÇÃO HUMANA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Faculdade de Educação da Universidade
Federal do Ceará, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciado
pleno em Pedagogia.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Justino de Sousa Junior (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Ms. Ivan Carlos Costa Martins
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Caroline Magalhães Lima
Universidade Estadual do Ceará (UECE)
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

A todas(os) aquelas(es) que devido à essa estrutura exploratória e desumanizante do capital não puderam ter seus passos rumo aos estudos e a caminhada em direção aos seus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Começo esse texto com medo de esquecer de mencionar alguém. Na verdade, todo esse texto foi escrito com medo, com muita vontade também, mas a sensação de não conseguir concluir me acompanhou. E, em meio a essas sensações, muitos rostos me marcaram e me disseram que a única direção a seguir seria em frente, seja depois de uma pausa muito longa ou, seguindo noites e noites sem parar. Eu sou grata pelo incentivo de cada pessoa que não me deixou desistir.

À minha vó Marlene, eu agradeço por ter repetido tantas vezes que eu precisava entrar numa universidade pública e que fez de tudo para que eu nunca deixasse de estudar. Obrigada por ter plantado em mim essa semente da universidade, meu caminho começou contigo, muito antes de saber que era possível.

Ao meu filho Dante, eu agradeço por ter me inspirado a entrar e por não ter desistido da universidade. Muito obrigada por ter sido meu companheiro de longas viagens no período em que estávamos em Recife e na UFRPE. Me desculpa por todas aquelas horas dentro de ônibus e metrô e muito obrigada por me abraçar tanto quando o cansaço batia. Obrigada por ter ido comigo nas aulas na FACED e ter ficado tão bem dentro da sala conversando e pintando dinossauros, por ter esperado lá fora quando não queria mais ficar na sala. Me desculpa também por ter feito você esperar as aulas da noite, por chegar tarde e você já estar dormindo. Muito obrigada por sempre deixar espaço na cama quando eu chegava tarde, eu sempre volto. Você sabe. Tudo que foi feito até agora e todos os meus planos são pensando no que a gente pode construir juntos, muito obrigada por compreender que neste momento não podemos ficar tão perto mas que daqui a pouco isso passa e já já vamos ficar juntos de novo. Obrigada por entender e encarar as mudanças com uma força imensa. À você dedico todas as coisas boas que eu fizer na vida, à você eu dedico todas as palavras que expressam o meu melhor. À você, dedico todos os sonhos e ações de mudança por um mundo melhor. Obrigada por ser essa pessoa tão incrível e por me ensinar tanto com tudo que você me fala sobre a vida (sua ou dos dinossauros). Forte e grande é você. Eu te amo.

Ao meu orientador, Justino de Sousa, muito obrigada pela compreensão em todo esse intervalo de tempo que me impedia de confiar e seguir. Sou grata pela oportunidade de ter assistido às suas aulas e ter conseguido enfrentar alguns desafios na minha experiência como monitora na disciplina de Organização Social do Trabalho Escolar. Essa vivência foi o fator decisivo para minha pesquisa, participar dessas aulas foi o que me motivou a continuar e que me mostrou que conseguimos manter a calma diante de algumas circunstâncias delicadas

porque esse é o caminho necessário muitas vezes. Obrigada pela troca oportunizada e, sobretudo, por mostrar que um professor pode e deve acolher de maneira respeitosa as inquietações muitas vezes tão inseguras trazidas pelos estudantes. Sou grata pela oportunidade de aprender com um exemplo de docência comprometido com o justo, que nos permite falar sobre o que acreditamos com a confiança de que podemos aprender com essa troca com tanto respeito e que podemos endurecer sem perder a ternura. Obrigada por me incentivar a seguir rumo à pós sem que isso se torne um peso. Obrigada por alimentar meu sonho.

Dentro da universidade, nesse mundo tão duro, é difícil seguir e se manter firme, mas, se hoje eu consigo terminar esse texto é porque além de incríveis professores dentro de sala, eu contei com a ajuda de algumas dessas pessoas em outras áreas que tanto interferem no desempenho dentro da universidade. Não posso terminar esse curso sem agradecer ao professor Babi Fonteles, que, com sua enorme grandeza de coração, não me deixou desistir do curso no primeiro semestre. Eu sou grata por ter tido a oportunidade de ter frequentado suas aulas e ter conseguido falar sobre o coração mesmo quando a dor e o medo estavam fortes. Como uma estudante que também é mãe, tive minhas vivências com conflitos e dificuldades para conseguir dar conta das demandas, mas com sua ajuda e acolhimento consegui levar meu filho às aulas dentro e fora de sala e não sentir julgamento por isso. Obrigada por ser coração dentro de um lugar que não nos deixa parar para sentir.

À Bernadete Porto (berna), minha tutora no período em que fui bolsista no Programa de Educação Tutorial, eu agradeço por toda partilha de saberes e sentimentos, e por enfatizar que os sentimentos são importantes nos saberes. Não fui sua aluna nas disciplinas mas aprendi fora de sala como que uma professora pode marcar tanto a vida de tanta gente com tanto sentimento bom. Sou grata por todas as vezes que discutimos o mesmo texto no PET e por toda oportunidade de aprender em toda conversa que acontece ao seu lado. Obrigada por mostrar que o caminho para a docência pode ser cheio de afetos (bons), que o diálogo transforma e acolhimento é sabedoria.

À professora Lu Goldberg, eu não encontro palavras que possam expressar a imensa gratidão que tenho em ter sido sua aluna. Obrigada pela espera, pelo acolhimento e, sobretudo, por me ensinar a ensinar de uma maneira que leva em consideração tudo que uma pessoa pode produzir. Obrigada por me dizer que eu sei, que as coisas são belas mesmo quando a gente não percebe isso. Sou grata por ter cruzado seu caminho e por ter conseguido expressar quem eu sou e me respeitando por sentir tanto pelo que sou. Obrigada por abrir não só a sala, mas o coração e ensinar tanto.

Profa Camila Rocha e Profa Cristiane Amorim, muito obrigada pela experiência de estágio no ensino fundamental e na educação infantil tão significativa para mim. Apesar de ter vivenciado em meio à crise sanitária do COVID-19 pude me atentar ao olhar das crianças e professoras que estavam vivendo esse processo. Sou grata por todas as discussões proporcionadas em aula, por conseguirem fazer com que meu olhar sobre e na escola se tornasse tão importante no meu trabalho. Não há um dia em que eu não pense “o que Camila faria diante dessa situação?” ou “Será que deve diminuir meu parágrafo aqui nesse texto? Cristiane iria entender o que escrevi?”. Muito obrigada por terem escutado tantas inquietações que essa cabeça aqui produz e por terem indicado tantos caminhos para encontrar respostas para elas.

Saindo da sala e entrando nos corredores e outras salas, eu não poderia deixar de citar Thiago Sales como uma das pessoas mais bem preparadas para lidar com as loucuras que essa universidade produz. Obrigada por todas as vezes em que você se dedicou a ajudar não só a mim, mas a todo mundo que chegou nessa coordenação carregado de problemas burocráticos e que você conseguiu não só resolver, mas também acalmar.

À equipe dos serviços gerais da FACED e do Restaurante Universitário, obrigada por estarem juntos com a gente nos momentos de fofocas, de lanche e de luta. Em nome de Flor e Joaquim, externalizo aqui meu agradecimento e minha indignação pelas demissões e pela precarização do trabalho que vocês e seus amigos passaram e ainda passam. Continuamos juntos na luta.

Ao meu médico psiquiatra, Lucas Fortaleza, onde consegui atendimento e acolhimento devido às políticas de assistência estudantil da Universidade Federal do Ceará e que passou comigo por todos esses momentos que antecederam a construção desse trabalho, meu enorme abraço fraterno, obrigada por me enxergar e me tratar de maneira humana.

Aos amigos e amigas que fiz nesse período, muito obrigada por dividirem comigo as angústias e os sonhos dentro e fora da universidade. Luana, Rose, Débora, Letícia, Mateus, Natielly, Flávia, Natália, obrigada por terem sido essenciais no meu caminho dentro da FACED. Obrigada por todo incentivo e por me trazerem para realidade quando eu não conseguia mais apresentar trabalhos. Desejo todo sucesso do mundo. Confio que a jornada de vocês será comprometida com uma sociedade justa e que cada passo dado, seja ele através do desenho ou da escrita, vai ser um passo dado com muita vontade de fazer melhor e diferente do que nos condicionam a fazer. Sou grata por ter cruzado esse caminho que me levou a dividir uma graduação com vocês.

Fora e muito antes de entrar na universidade eu já contava com grande apoio para o caminho que sonhava trilhar. Minha eterna gratidão à Aline, Angel, Jubinha, Camylla, Elo, Gustavo, Dona Lídia e Nize, pessoas que se fizeram tão importantes na minha caminhada todo esse tempo. Eu não chegaria aqui sem vocês.

A finalização desse trabalho se tornou possível porque contei com a ajuda de uma equipe que não me deixou desistir, muito menos dormir. Carol e Raphael, obrigada por cederem um espaço e por terem falado que era possível. Vocês me inspiram e estão, sem dúvidas, no meu horizonte representando uma parte de quem quero ser.

Vinícius, obrigada por todos os bilhetes, abraços, energéticos e comemorações por cada parte finalizada. Obrigada por abraçar as minhas angústias e medos e seguir tentando ajudar de todas as maneiras possíveis. Cada abraço foi importante nessa construção. T.A.

Bruno, Tiago e Elton, não cabe aqui as palavras por tudo que foi feito para que se tornasse realidade esse processo. Serei eternamente grata à abertura de casa e coração, pelo acolhimento nesta família estranha e por todas as vezes que disseram que eu não poderia nem pensar em desistir porque já nos tiraram tudo e a gente não pode deixar que nos tirem sonhos. Serei eternamente grata a todas as pessoas que caminharam comigo nesta jornada, cada detalhe de quem eu sou leva uma parte de vocês. Conseguimos.

2022: O ano que finaliza o governo b0lson4r0
e nos deixa com (mais) feridas que só podem
ser curadas com organização e ódio de classe

RESUMO

Esta pesquisa consiste em uma análise de caráter ontológico sobre o Trabalho, seus desdobramentos enquanto práxis primeira e evidencia a importância do entendimento da práxis como categoria filosófica que, devido sua abrangência, consegue expressar a totalidade do ser social e da formação humana. Metodologicamente, configura-se como uma pesquisa bibliográfica e, busca na literatura já consolidada sobre o tema, a base teórica para construção epistemológica que dê suporte a caminhada rumo aos objetivos delimitados como ponto de partida deste estudo. O objetivo é analisar a formação humana sob a perspectiva da práxis e, para isso, dialogar sobre o papel do trabalho no desenvolvimento humano. O andamento desta pesquisa ocorre em torno das reflexões sobre a práxis assumindo uma posição de categoria filosófica que expressa a gênese do ser social e sua relação com o trabalho e seu desenvolvimento que resultam na formação humana. Para construção teórica, a pesquisa está estruturada na historicidade conceitual em torno da categoria práxis, da análise do trabalho enquanto atividade onto-primária, ação fundante do ser social e a relação balizar dos complexos sociais que derivam do trabalho mas não se esgotam nele. A estrutura desse estudo parte do princípio que o trabalho é uma atividade prática e teleológica que possui em si o elemento fundante do homem e da mulher e caminha em direção à análise do papel da categoria práxis enquanto atividade que, ultrapassando o trabalho e mantendo uma relação de dependência ontológica, possui amplitude para expressar a complexidade do processo de formação humana.

Palavras-chave: Práxis, Trabalho, Formação humana.

ABSTRACT

This research consists of an ontological analysis of Work, its developments as praxis prioritizes and highlights the importance of understanding praxis as a philosophical category that, due to its scope, manages to express the totality of the social being and human formation. Methodologically, it is configured as a bibliographical research and, searches in the already consolidated literature on the subject, the theoretical basis for the epistemological construction that supports the journey towards the objectives delimited as the starting point of this study. The objective is to analyze human formation from the perspective of praxis and, for that, to dialogue about the role of work in human development. The progress of this research revolves around reflections on praxis, assuming the position of a philosophical category that expresses the genesis of the social being and its relationship with work and its development that results in human formation. For theoretical construction, the research is structured in conceptual historicity around the praxis category, the analysis of work as an onto-primary activity, founding action of the social being and the baseline relationship of the social complexes that derive from work but do not end with in it. The structure of this study is based on the principle that work is a practical and teleological activity that has in itself the founding element of men and women and moves towards the analysis of the role of the praxis category as an activity that, going beyond work and maintaining a relationship of ontological dependence, it has the breadth to express the complexity of the process of human formation. Keywords: Praxis, Work, Human formation

Keywords: Praxis, Labour, Human formation

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
METODOLOGIA.....	16
CAMINHOS DA PRÁXIS.....	19
Práxis: uma categoria filosófica.....	24
Trabalho: uma categoria.....	27
RELAÇÃO ENTRE PRÁXIS E TRABALHO.....	33
CONSIDERAÇÕES LONGE DE SEREM FINAIS SOBRE A RELAÇÃO TRABALHO, PRÁXIS E FORMAÇÃO HUMANA.....	37
REFERÊNCIAS.....	39

INTRODUÇÃO

A ontologia materialista tem como essência e categoria central o trabalho. Como afirmam Marx, Engels, Vazqu ez e Luk acs,   no interior desta categoria que surgem e estão contidas outras expressões que constituem o ser social. Assumindo a forma originária da de sociabilidade humana, o trabalho ganha destaque nos estudos marxistas. O caráter prático da atividade necessária em todo processo de desenvolvimento histórico e social do sujeito põe o trabalho na centralidade do processo de forma o humana.

Esta pesquisa parte da base constituída pelo trabalho e segue em dire o às demais formas de sociabilidade garantidas por ele, portanto, não serão abordadas aqui a constitui o desta categoria em seu sentido p s divisão social do trabalho, onde assume uma forma diferente das quais fundamentam a ontologia materialista, nos atentaremos a pensar o trabalho enquanto categoria que possibilita a existência humana. Neste estudo trataremos de um levantamento bibliográfico em torno do trabalho enquanto uma atividade que condiciona a produ o da vida social. O trabalho aparece nesta pesquisa como condi o sine qua non da forma o do ser social, com isso, das outras formas de sociabilidade.

Dentro desta perspectiva, compreendemos e afirmamos o papel do trabalho na forma o do sujeito histórico e social, entretanto, com o desenvolvimento dos estudos marxistas, nos deparamos com outras formas de humaniza o do homem e da mulher. Se, por um lado, o trabalho assume caráter originário da forma o humana, não se esgota nele todo esse processo. Por isso, com base no que configura a centralidade do trabalho nos estudos sobre a forma o da generidade humana, abordaremos aqui a rela o de grande importância da categoria práxis como categoria filosófica que, ultrapassando o alcance do trabalho, mant m sua rela o de dependência ontológica, sendo a práxis um dos desdobramentos da categoria trabalho.

O trabalho, enquanto atividade que possibilitou a constitui o da generidade humana, tem em si a característica de ser a práxis primeira, na qual, em movimentos dial ticos na sua constru o e desenvolvimento, forma e transforma as demais práxis e, por conseguinte, forma, transforma e   formada pelo homem e pela mulher.

A constitui o do gênero humano   o norte desta pesquisa. Ao se desvelar e se formar em sujeito, o homem e a mulher realizam mudanças objetivas diante das necessidades

enfrentadas. Ao construir meios de superação da causalidade em que se depara, o sujeito caminha em direção a sua (auto)formação e complexificação. A resultante do processo de movimentações dialéticas e suas contradições é a formação humana. Em contato com a complexificação das necessidades concretas, as objetividades se apresentam e, com elas, as demais construções históricas e sociais que interferem na formação do ser social.

A pesquisa objetiva contribuir com estudos sobre formação humana à luz da filosofia da práxis defendidas por autores do campo do marxismo. Ao eleger a práxis enquanto categoria filosófica que fundamenta o ser social, faz-se necessário um aprofundamento do conceito e de suas relações com o trabalho e suas implicações na formação humana. A visão defendida aqui nesta pesquisa não faz contraposição das categorias, apenas aponta que a práxis, enquanto categoria filosófica que surge da complexificação das atividades e necessidades humanas, consegue abranger de forma mais ampla o caráter formativo do ser social. Para construção teórica deste trabalho fez-se necessário um estudo qualitativo e bibliográfico amparado pelos princípios epistemológicos do Materialismo Histórico-Dialético. A categoria essencial para o método em Marx é o nosso ponto inicial da pesquisa, portanto, entendemos, a partir do filósofo alemão, que, para a apreensão e estruturação do real é preciso desvelar o que nos é mostrado, o processo revelação e conscientização é o caminho para o desvelamento da formação do ser social.

Sobre essa perspectiva metodológica Lefebvre (1983) aponta que a filosofia da práxis tem sua prioridade epistemológica voltada para apreensão da objetividade da materialidade, na qual, a busca investigativa do objeto pesquisado leva em consideração as suas movimentações e contradições, compreende que a processualidade da pesquisa está ligada ao processo de formação do humano, ou seja, é uma atividade inacabada e que, portanto, carece de investigações e aprofundamentos abertos ao desenvolvimento das construções e produções históricas e sociais.

A estrutura desta pesquisa bibliográfica conta com cinco partes que visam construir uma linha de raciocínio que evidencia a proposta de trazer para os estudos pedagógicos o aspecto estruturante da práxis enquanto categoria filosófica que abrange a união dos complexos que engendram a totalidade da formação humana.

O tópico “Caminhos da práxis” traz em sua escrita o levantamento teórico acerca da compreensão da práxis em diversos autores como Hegel, Marx, Lukács e Vázquez. Esse caminho teórico nos indica o desenvolvimento e, sobretudo, as contradições em volta da

categoria defendida nesta pesquisa. A importância da conceituação desses autores e suas diferentes abordagens nos concede base teórica para construir a investigação da categoria diante das variações e superações epistemológicas de cada um deles. Deste modo, iniciar com o processo de conceituação da práxis nos permite acompanhar seu desenvolvimento e traçar o caminho que nos impulsiona a eleger a práxis enquanto categoria filosófica basilar deste trabalho.

Seguindo a construção conceitual, o segundo tópico “Práxis: uma categoria filosófica”, aborda no trabalho a escolha essencial para o desenvolvimento da pesquisa. Traz a práxis enquanto elemento e categoria filosófica central. Neste tópico a práxis aparece como objeto de estudo essencial para a construção do ser social. Aqui se faz o aprofundamento e a aproximação da categoria com a superação das barreiras naturais e formação dos demais complexos sociais que foram o ser social.

A conceituação do Trabalho aparece no terceiro tópico “Trabalho: uma atividade prática e teleológica” reconhece a centralidade desta categoria no desenvolvimento das relações sociais e da generidade humana e traz as reflexões acerca desta categoria e da sua importância para o desenvolvimento das outras atividades posteriores, evidenciando a importância do trabalho enquanto práxis primeira, na qual, surgem delas as outras formas de sociabilidade humana.

O tópico “Relação entre práxis e trabalho” está direcionado para o desenvolvimento da relação existente entre as categorias que fundamentam o ser social, na qual, são abordadas as aproximações e diferenciações entre elas e segue desenvolvendo a construção teórica e suas implicações na construção da formação humana.

A finalização dos tópicos desta pesquisa aponta a relação de dependência ontológica entre as categorias práxis e trabalho e sua expressão na formação humana. A formação humana é apontada aqui como o processo constante e resultante das relações entre as práxis, seja ela a práxis primeira ou as que derivam da ampliação e complexificação das demais práxis formadas pelo homem e pela mulher em seu desenvolvimento e intervenção no mundo.

Deste modo, esta pesquisa embrionária que surge como um trabalho de conclusão de curso tem a pretensão de não se esgotar aqui e objetiva dar continuidade aos estudos (sempre em construção) acerca da práxis enquanto categoria filosófica que expressa a complexidade da formação humana. Portanto, o que tem início como uma aproximação, nutre o desejo de aprofundar a pesquisa nas expressões produzidas pela práxis em seus mais variados contextos,

produtivos, políticos e, sobretudo, o valor da expressão da práxis estética e sua interferência na formação humana.

Levando em consideração o caráter da necessidade da constante formação humana, as considerações acerca dessa relação é vista como um processo de investigação que não finda aqui, tem como norte a apreensão do real e de suas contradições e superações que visam acompanhar o processo formativo das relações sociais. Por se tratar de um assunto abrangente, elegemos aqui o que fundamenta a gênese do ser social, tendo como proposta a abertura para construções posteriores.

METODOLOGIA

O presente texto é fruto de uma pesquisa de caráter qualitativo e bibliográfico que visa explorar conceitos essenciais ao entendimento do processo de formação humana como um processo de desenvolvimento das relações sociais que surgem com a complexificação da construção do próprio ser. Segundo Lakatos e Marconi (2010), o estudo bibliográfico é uma imersão nos materiais já produzidos, promovendo uma inserção com a historicidade do assunto e suas possibilidades de contribuições para o pensamento contemporâneo.

O caráter histórico desta pesquisa nos conduz a pensar de maneira ontológica para o aprofundamento das categorias basilares abordadas. De acordo com Minayo (1994, p.21),

a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com o nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

O modo de encarar o objeto de pesquisa indica um modo de encarar a realidade. Por isso, tão importante quanto a delimitação do objeto, é a escolha do método de observação e investigação sobre ele. O método é o prisma pelo qual nos aproximamos da construção científica, o que abre caminho para melhor apreensão da complexidade abordada. Dessa maneira, Sabrina Fernandes, em seu livro *Se quisermos mudar o mundo*, aponta que

"O interesse em mudar o mundo, fortalecido pela observação de como o mundo funciona, e a imaginação sobre como ele poderia ser nos mostram uma porta, a porta da mudança. O método serve para ajudar a navegar o que está após essa porta: todo universo de descoberta política." (FERNANDES, 2020, p. 59)

Deste modo, para manter a característica histórica deste trabalho, nos apoiaremos no método formulado por Karl Marx, o materialismo histórico e dialético. Por se tratar de uma pesquisa que tem como base as práticas humanas e suas implicações na construção da história e do próprio homem e da mulher, faz necessário ter como base estrutural os movimentos que constituem o ser, portanto, a escolha do método nos é importante por nos ajudar a compreender de maneira material como se forma o processo de constituição do ser social. Nessa perspectiva, segundo Marx (1987, p. 29-30), o Materialismo Histórico-Dialético aponta que

[...] na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade destas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo em

geral de vida social, político e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência.

As condições materiais são fatores de constituição do sujeito, partindo da construção da materialidade é que se chega ao modo como se produz a existência humana. Marx e Engels apontam que “é na vida real que começa, portanto, a ciência real, positiva, a análise da atividade prática, do processo, do desenvolvimento prático dos homens” (MARX;ENGELS, 2007, p. 20). E somado a isso: “A primeira condição de toda a história humana é, naturalmente, a existência de seres humanos vivos. A primeira situação a constatar é, portanto, a constituição corporal desses indivíduos e as relações que ele gera entre eles e o restante da natureza” (MARX; ENGELS, 2007, p. 10). Deste modo, “toda historiografia deve partir dessas bases naturais e de sua transformação pela ação dos homens, no curso da história” (MARX; ENGELS, 2007, p. 10).

O materialismo histórico compreende que a sociedade é fruto das ações do próprio sujeito e põe em evidência a importância de encarar os fenômenos em sua gênese, buscando seu fundamento ontológico. Triviños aponta que “o materialismo histórico é a ciência filosófica do marxismo que estuda as leis sociológicas que caracterizam a vida da sociedade, de sua evolução histórica e da prática social dos homens, no desenvolvimento da humanidade” (TRIVIÑOS, 1987. p. 51).

A importância do caráter histórico para a compreensão do real aparece como a centralidade do materialismo histórico dialético, “a dialética situa-se, então, no plano da realidade, no plano histórico, sob a forma de trama de relações contraditória, conflitantes, de leis de construção, desenvolvimento e transformação dos fatos” (FRIGOTTO, 2010. p. 82).

Na perspectiva materialista histórica, o método está vinculado a uma concepção de realidade, de mundo e de vida no seu conjunto. A questão da postura, neste sentido, antecede o método. Este constitui-se em uma espécie de mediação no processo de apreender, revelar e expor a estruturação, o desenvolvimento e transformação dos fenômenos sociais (FRIGOTTO, 2010. p. 84).

Portanto, a realização deste estudo, com base metodológica fundamentada pelo materialismo histórico e dialético, tem como objetivo de pesquisa o ponto de partida da formação do ser social, desta maneira, como aponta Marx, para termos uma compreensão do real é preciso ir além das formas que nos são apresentadas, é preciso ir a raiz da estrutura da vida material.

Para Lefebvre (1983, p. 217), chegar a base estrutural e, portanto, ultrapassar a aparência, é necessário para chegar à essência da concreticidade das relações sociais, com isso, o autor aponta que

“a aparência, a manifestação, o fenômeno são um reflexo da essência, da realidade concreta, com tudo o que implica a palavra „reflexo“: algo fugaz, transitório, rapidamente negado e superado pela essência mais profunda. Mas é precisamente assim que a essência, oculta dentro do fenômeno, vem refletir-se em nós e para nós. E nossa reflexão consiste em levar em conta esse fenômeno, para ultrapassá-lo e atingir – através dele – a essência. Desse modo, o movimento de nossa reflexão pode e deve reproduzir o movimento através do qual a essência se traduz, se reencontra em si mesma: mais rica, mais profunda que o fenômeno e, todavia, expressa por ele”

Sabrina Fernandes (2020), com base em Marx, comenta que o “o materialismo histórico se atenta para como as estruturas organizam a vida material e geram ou impedem condições para as escolhas do presente e futuro”, dessa maneira, é de suma importância olhar para realidade como construção histórica e social das relações criadas e enfrentadas por homens e mulheres na formação do ser social.

CAMINHOS DA PRÁXIS

Para abordar a conceituação do termo práxis caminharemos pela sua historicidade, dentro do limite desta pesquisa. Tendo em vista a imensa carga semântica e filosófica que a palavra carrega, não nos propomos aqui a esgotar tais reflexões acerca do tema, mas sim a contribuir para o fortalecimento dessa discussão dentro dos estudos pedagógicos relativos ao processo de formação humana e suas trajetórias.

Dentro do processo de desenvolvimento das abordagens em torno da práxis, destacamos aqui seus apontamentos histórico-filosóficos essenciais para a construção desta pesquisa.

Para destacar a práxis enquanto categoria filosófica faz-se necessário acompanhar os saltos, concordâncias e divergências que o termo traz consigo desde os primeiros pensamentos sobre sua relação com a formação do ser social. Portanto, buscamos iniciar essa construção epistemológica partindo dos conceitos difundidos na Grécia Antiga.

De acordo com Vázquez (1968), a práxis na Antiguidade Clássica, na interpretação de Aristóteles, significa uma ação com um fim em si mesma, são as atividades voltadas para fins próprios, associando assim práxis à ética, à moral e à política. Na filosofia aristotélica a práxis cumpre um papel oposto em relação à *theoria*, onde esta tem em si resguardada a atividade contemplativa e também em relação à *poiesis*, uma atividade que tem como finalidade a produção de objetos, não justificando seu fim em si mesmo, mas no objeto posterior à ação.

A dissociação dos elementos práxis, *theoria* e *poiesis* acompanha a divisão da sociedade grega antiga, onde as atividades eram divididas em níveis de importância de acordo com o funcionamento da pólis, evidenciando uma ação em detrimento de outra, como pontua Vázquez

La conciencia filosófica de la praxis, en la sociedad esclavista antigua, responde a los intereses de la clase dominante y es, por ello, una concepción negativa de las relaciones entre la teoría y la práctica productiva. La contraposición de teoría y práctica es aquí la expresión filosófica, ideológica, de la contraposición del trabajo intelectual y el trabajo manual correlativa a su vez de la división de la sociedad griega antigua en clases de hombres libres y esclavos. (VAZQUÉZ, 1980, p. 43)

Ao estruturar a sociedade em divisões de acordo com as funções práticas e sociais dos indivíduos, a dicotomia ação/contemplação, teoria/prática formava o entendimento da práxis na Grécia antiga. Para Aristóteles, a teoria e a prática ocupam lugares distintos, onde a prática exerce uma atividade independente da teoria. Portanto, para o filósofo grego, a atividade efetivamente humana, de forte impacto na organização da vida na pólis, seria, destacadamente, a atividade intelectual ou de contemplação.

Segundo Konder (1992) essa elaboração em torno da práxis promoveu a visão de que as ações humanas seguem por linhas diferentes. Conforme essa visão, ao caminhar pela prática, o sujeito abre mão de sua reflexão crítica e, ao abraçar a teoria, o sujeito segue isolado das ações materiais. Essa interpretação seguiu influenciando os demais desenvolvimentos científicos e filosóficos ocidentais acerca do termo. Seguindo a construção histórica em torno da práxis abordaremos nos parágrafos posteriores seu desenvolvimento de acordo com o desenvolvimento sócio-histórico da estrutura da sociedade, após caminhar na superfície conceitual da antiguidade clássica, partiremos agora para as diferentes abordagens da práxis nos períodos embrionários e de consolidação da sociedade capitalista.

Após o período da concepção de práxis que coloca em evidência a atividade teórica e contemplativa e revela desprezo pela atividade prática, entraremos no período renascentista, onde a dimensão filosófica da práxis ainda leva em consideração a atividade intelectual, mas consegue unir à essa perspectiva o momento da vontade humana. Segundo Vázquez (1968, p. 25):

A consciência filosófica da práxis sofre uma mudança radical no Renascimento [...] Nessa nova perspectiva filosófica, o homem deixa de ser um mero animal teórico para ser também sujeito ativo, construtor e criador do mundo. Reivindica-se a dignidade humana não só pela contemplação, como também pela ação; o homem, ente de razão, é também ente de vontade.

A formação da mentalidade burguesa ocorreu com o surgimento da nova ordem mundial, na qual as forças do comércio e da indústria possibilitam a potencialidade da geração de riquezas através do trabalho, dessa nova sociedade, a sociedade capitalista, as mudanças econômicas, políticas e culturais têm impacto no processo de formação das consciências, na qual, passa a levar em consideração que o desenvolvimento humano parte do momento de racionalidade e exerce uma transformação no mundo.

Nesse momento as consequências da experiência prática e material são vistas como funções importantes para manutenção da vida, pois interferem diretamente na produção e reprodução social como um todo, entretanto, apesar da evidência dessas contribuições, à práxis intelectual continua recebendo maior destaque, pois a razão é um demarcador de grande diferencial da condição humana.

Ao passar dessas compreensões a práxis vai ganhando um destaque mais importante dentro do processo de desenvolvimento humano. Com a Modernidade a consciência filosófica da práxis assume uma reflexão mais homogênea da relação entre a razão e a prática. Neste

ponto, Hegel contribui para o entendimento da práxis como uma ação absoluta do ser humano, onde a relação sujeito e objeto ou espírito e mundo não é distanciada. Essa interpretação da práxis dentro do idealismo alemão, nos apresenta a atividade como fruto da consciência ou do espírito, Vazquez (1968, p. 56) aponta que “no idealismo alemão, a consciência se apresenta com uma atividade na qual ela evidencia sua liberdade e soberania” e complementa que “a consciência se estabelece como fundamento supremo, não só do conhecimento, como também da moral”.

Vázquez (1980) indica que esse movimento de evidência da consciência e das suas implicações nas ações práticas vista em Hegel onde aponta que: “En la *Fenomenología* la praxis como trabajo humano aparecía en el proceso de fenomenalización del Espíritu, como una etapa dentro del movimiento reconocido por la conciencia hasta que ésta se capta como identidad de sujeto y objeto.” (VAZQUEZ, 1980, p. 77)

Hegel contribui para o entendimento de que a práxis ocupa um lugar transformador na vida humana e aponta essa atividade como uma síntese das atividades práticas e teóricas que, em seu resultado, conseguem exprimir a ideia absoluta.

En la *Fenomenología del espíritu* la práctica material productiva (el trabajo) se presenta como una actividad del hombre en cuanto él es portador del Espíritu. Bajo esta espiritualización del trabajo, podía advertirse su papel, aunque en forma mistificada, en la formación del hombre. (VÁZQUEZ, 1980, p. 93)

Com seus apontamentos em torno da relação entre a atividade material e o espírito, o filósofo alemão indica que “a atividade prática aparece como uma determinação da Ideia” (VÁZQUEZ, 1968, p. 81). Portanto, a perspectiva hegeliana defende que a atividade prática também assume uma atividade do espírito, na qual, ambas são fatores necessários à existência humana e a ação resultante dessa relação é o que conduz à plenitude do Espírito Absoluto.

Ao especular a práxis como uma expressão idealista, Hegel consegue, ainda que de maneira superficial, tocar o ponto inicial importante para sua construção teórica sobre o tema, que é na práxis que se forma a ação humana. Entretanto, para uma compreensão mais profunda sobre a atividade prática e material é preciso superar a visão do homem como sujeito que se estabelece sujeito em seu plano de ideal absoluto, e adentrar na concepção de homem enquanto ser prático e material, em que suas ações são os caminhos para sua própria formação.

Nesse sentido, Feuerbach supera o idealismo praxiológico hegeliano e relaciona a práxis à atividade real e concreta do homem, porém, como demonstra Vazquez (1968), o filósofo alemão estabelece uma contraposição do prático ao teórico,

A relação entre o sujeito e objeto é examinada por Feuerbach como relação entre o sujeito, enquanto ser consciente, e o objeto de sua consciência. Como sujeito consciente, o homem não pode prescindir de um mundo de objetos: ou seja, é consciência de objetos (VÁZQUEZ, 1968, p. 96)

Para Feuerbach, a práxis possui sentido utilitário, que, apesar da sua interação e influência na relação sujeito-objeto, ela não pode ser vista como fator fundante do ser social, tendo em vista que suas especificações tendem a encarar que o processo de conscientização é um dado quase que alheio ao sentido prático.

Vázquez (1980) afirma que “[...] no desconoce Feuerbach que el sujeto es actividad, pero, como el idealismo, la actividad que tiene presente es la de la conciencia. Sin embargo, a diferencia de él, sólo ve el objeto como término de una relación invertida, deformada, entre sujeto y objeto.” Deste modo, mesmo tendo dado visão ao sujeito real, diferenciando-se assim da filosofia da práxis de Hegel e sua evidenciação do espírito e ideal absoluto, o materialismo contemplativo de Feuerbach não exprime com verdade o caráter essencial da práxis.

O movimento de superação da visão idealista hegeliana e do materialismo contemplativo feuerbachiano toma forma com o aprofundamento do estudo da sociedade capitalista de maneira radical. Frente a esses estudos se encontram os apontamentos de Karl Marx em seu materialismo histórico-dialético. A perspectiva materialista traz consigo o entendimento da práxis enquanto base ontológica do desenvolvimento humano, trazendo para o centro dessa questão o sujeito enquanto agente material, prático, produtor e criativo, superando e demonstrando a incompletude analítica das interpretações citadas anteriormente, como bem argumentam Marx e Engels em *A Sagrada Família*

O humanismo real não tem, na Alemanha, inimigo mais perigoso do que o espiritualismo – ou idealismo especulativo –, que, no lugar do ser humano individual e verdadeiro, coloca a “autoconsciência” ou o espírito e ensina, conforme o evangelista: “O espírito é quem vivifica, a carne não presta”. [...] O que nós combatemos na Crítica baueriana é justamente a especulação que se reproduz a maneira de caricatura. Ela representa, para nós, a expressão mais acabada do princípio cristão-germânico, que faz sua derradeira tentativa ao transformar a crítica em si numa força transcendental (MARX; ENGELS, 2003, p. 15)

Dentro desta perspectiva, a práxis para Marx ganha um sentido mais abrangente, sendo vista como a ação própria do homem e da mulher, assumindo um papel de atividade essencialmente humana, onde sua capacidade transformadora se expressa em diversas esferas da construção humana, carregando consigo o ponto de distanciamento, isto é, de distinção do ser social em relação a todas as demais formas de existência, possuindo assim um caráter formativo que não se esgota, mas sim se refaz, atendendo sempre as especificações do momento

histórico vivenciado, refletindo na formação da sociedade de maneira concreta e material e, por sua vez, implicando em uma construção de uma subjetividade decorrente dessas experiências práticas.

Portanto, o caminho que Marx percorre nos mostra que a práxis para ser entendida como marco formativo do ser social contém uma articulação prática e teórica, na qual os elementos possuem em si, em uma relação dialética, o poder constitutivo da transformação. “La relación entre teoría y praxis es para Marx teórica y práctica; práctica, en cuanto que la teoría como guía de la acción conforma la actividad del hombre, particularmente la revolucionaria; teórica en cuanto que esta relación es consciente.” (VÁZQUEZ, 1980. p. 127)

A esteira teórica fundamentada por Marx nos mostra o caráter dialético contido no processo de formação práxica do sujeito, na qual, ao criar os meios materiais de agência na vida prática, o sujeito cria a si mesmo. Essa característica é fundamental para o entendimento da práxis enquanto base ontológica do ser social. Segundo Vázquez (1968), a concepção marxiana nos permite enxergar na práxis a ação transformadora do mundo material e constituinte do ser social, essas construções resultam das ações objetivas e subjetivas que compõem a essencialidade humana.

Deste modo, Vázquez (1980) indica que ao evidenciar a práxis como ação humana transformadora, atividade prática e essencial à existência humana, o filósofo alemão centraliza o conceito como ponto de partida da sua filosofia. Esta centralidade torna a filosofia da práxis um estudo capaz de abranger as capacidades transformadoras históricas e sociais dos homens e mulheres, sendo a expressão máxima de interpretação do mundo concreto, em que, para Marx, a interpretação do mundo está relacionada à ação no mundo.

La praxis es, pues, la revolución, o crítica radical que, respondiendo a necesidades radicales, humanas, pasa del plano teórico al práctico. (...) Así, pues, la necesidad radical funda tanto la teoría que es expresión teórica de ella, como la necesidad del paso de la teoría a la práctica, entendida ésta como praxis (...) (VÁZQUEZ, 1980, p. 137)

Vázquez (1968) aponta que “como filosofia da práxis, o marxismo é a consciência filosófica da atividade prática humana que transforma o mundo”, portanto, dentro desta perspectiva, ao nos aproximar da concepção de práxis defendida por Karl Marx, destacamos nos próximos pontos as reflexões acerca do tema tendo como base referencial os escritos marxianos e marxistas evidenciando a centralidade da categoria práxis para uma análise materialista da formação humana.

Práxis: uma categoria filosófica

Em Teses sobre Feuerbach, Karl Marx aponta a compreensão da sua filosofia da práxis como um conjunto de interpretações da vida humana como uma interpretação que decorre de um levantamento prático-filosófico, no qual a apreensão do real é resultado da vivência prática no mundo, ressaltando a centralidade da práxis em sua ontologia materialista, afirmando que “Toda vida social é essencialmente prática” (MARX, 1845).

Deste modo, ao conceber a prática como elemento central de sua filosofia, o filósofo alemão nos permite encontrar na materialidade concreta a explicação do processo de desenvolvimento humano, tendo como ponto de partida a experiência prática do homem/mulher e sua própria formação e processo de autoeducação. Portanto, de acordo com Opitz (1980), Marx enxerga na práxis:

a característica fundamental da vida humana, o fundamento da existência humana, o processo metabólico do homem com a Natureza, no qual ao mesmo tempo o próprio homem se transforma; ele definiu-a como a essência do homem, como o processo material da autocriação do homem efetuado com consciência; ele descobria a significação da atividade prática para a vida humana e para o desenvolvimento histórico da humanidade, da qual, primeira e conseqüentemente, resulta que o ponto de vista da vida e da práxis também tem de ser o primeiro e fundamental ponto de vista da teoria do conhecimento.

Neste sentido, a experiência no mundo prático e real demanda uma filosofia que compreenda o homem e a mulher em sua totalidade, articulando os sentidos de sua existência, em suas determinações objetivas e subjetivas que decorrem do processo de tomada de posse da realidade, onde a formação do ser, enquanto sujeito social e histórico, é uma dimensão essencial para o entendimento da condição humana.

Sobre a condição da relação entre o sujeito e a ação que o forma, podemos afirmar que “A práxis se articula com todo o homem e o determina na sua totalidade”. (KOSIK, 1995, p. 223), deste modo, as reflexões baseadas na ontologia materialista apontam que o sujeito e a práxis pertencem a mesma materialidade, onde o homem e a mulher são autores da sua própria condição material, na mesma medida em que resultam dela. O entendimento da indissociabilidade da condição humana e a realidade material é o ponto de superação da filosofia da práxis materialista em relação às apontadas nas ontologias idealista, como pontuam Marx e Engels, “as circunstâncias fazem o homem na medida em que este faz as circunstâncias” (2007, p. 39)

Vázquez (1968) defende que a práxis é "atitude material do homem que transforma o mundo natural e social para fazer dele um mundo humano", em que esta ação é o que resulta em sua humanidade, produzindo ao mesmo tempo objetos e a si mesmo, tendo como resultado a formação do gênero humano.

Sobre essa ação formativa Sousa Jr (2021, p. 8) aponta que "O gênero humano desenvolve-se a partir das práticas concretas de transformação do mundo material sobre que se assenta e desenvolve o processo de autotransformação humana." Diante do caráter (auto)transformador da práxis, o autor defende que:

É a práxis que institui a esfera social e é a práxis que ao mesmo em que institui essa esfera, realiza sua unidade com a base ontológica natural: a posição da esfera social é coetânea da posição da unidade do social e do natural, noutras palavras, ao nascer a esfera social surge e desenvolve-se dialeticamente unida à base natural através da mediação da práxis. (SOUSA Jr, 2009. p. 99)

Para o filósofo português Barata-Moura, o entendimento da categoria prática é o campo central do materialismo dialético, pois: "a prática, na sua fundamental acepção marxista-leninista, modifica, transforma ela própria a realidade objetiva. É uma ação social objetiva" (Barata-Moura, 1978: 251).

Nesta perspectiva, compreendemos que a categoria práxis responde a ambição de pensar o sujeito em sua potencialidade e expressa sua essencialidade material por corresponder ontologicamente as questões de formação do homem e da mulher. Portanto, a práxis responde de forma mais completa/ampla a ação humana e suas novas formas materiais e subjetivas, expressa melhor o humano e sua condição de sujeito histórico e prático.

"A práxis não é apenas o alicerce das relações através das quais os homens descobrem os modos como as coisas são, as maneiras de elas se relacionarem, de se moverem, a práxis é o sedimento básico que revela como os homens produzem as coisas, produzem o mundo em que vivem e produzem a si mesmos." (SOUSA Jr, 2021, p.129)

A práxis, dentro desta reflexão teórica, é o elemento de sustento da atividade humana, é pela práxis que o homem e a mulher se afirmam enquanto sujeitos capazes de construir sua própria ação histórica, se tornando condição e consequência desse processo formativo dialético. Sousa Jr destaca que:

A práxis não é apenas o alicerce das relações através das quais os homens descobrem os modos como as coisas são, as maneiras de elas se relacionarem, de se moverem, a práxis é o sedimento básico que revela como os homens produzem as coisas, produzem o mundo em que vivem e produzem a si mesmos. (SOUSA Jr, 2021, p. 135)

Portanto, verificamos com essas contribuições, que a práxis exerce um papel de importância central no que se refere ao processo de formação humana. A prática constitui uma essência capaz de conter nela os fundamentos de criação e de resultado das ações práticas dos sujeitos. Barata-Moura nos aponta que:

a meu ver, decerto polemicamente - um dos contributos maiores de Marx para o patrimônio filosófico da humanidade situa-se precisamente neste quadro duplamente articulado de um reconhecimento do papel central da prática na mediação história do ser pelas coletividades humanas, e de uma sua compreensão essencial como atividade material de transformação. Barata-Moura (1994, p. 88)

E acrescenta “(...)a prática não é uma simples actividade, não é sequer a mera actividade da consciência que conhece. A prática é social e material. Tem uma eficácia ontológica que não pode ser ignorada nem posta entre parênteses(...)” (BARATA-MOURA, 1982, p. 105). Neste caminhar teórico, Kosik (1995, p. 224) indica: “[...] a práxis compreende – além do momento laborativo – também o momento existencial: ela se manifesta tanto na atividade objetiva do homem, que transforma a natureza e marca com sentido humano os materiais naturais [...]”

Deste modo, ao criar a realidade humana o homem e a mulher criam em si e no mundo o sentido de sua própria existência, ao passo que, o movimento real da humanidade se dá pela e nas condições oriundas da práxis. Sendo a práxis o impulso e não apenas o resultado das intervenções humanas na realidade material.

Sousa Junior (2021, p. 17), na esteira filosófica de Marx e Engels aponta que “os homens produzem materialmente sua existência, inclusive porque são, assim como todo o conjunto das riquezas materiais, igualmente produto da práxis humana (...) o fundamento da vida humana é precisamente práxis” e conclui:

A práxis é o chão das construções ideais, sejam elas altas elaborações filosóficas, científicas ou meras representações fetichizadas, associadas às estreitas operacionalizações instrumentais da realidade dada. As elaborações ideais tem seu início no momento em que os humanos - em processo de humanização - entram em relação prática com o mundo que os cerca e deparam-se com dificuldades impostas pela realidade do viver. A condição da sobrevivência humana é a obtenção dos elementos necessários à produção e reprodução da existência por meio da transformação prática da realidade material. Mas esse processo para se realizar exige de homens e mulheres conhecimentos mínimos que lhes permitam realizar suas tarefas práticas com possibilidade de êxito. (2021, p. 135)

A condição dialética que a práxis proporciona nos permite encontrar nela a possibilidade de reflexão acerca da essencialidade humana, onde, reconhecendo a relevância da práxis para a apreensão do real, conseguimos pensar o homem e a mulher como seres ativos

e práticos que interferem em suas realidades mediante as condições objetivas com as quais se encontram. A história de toda a vida humana é o fruto da construção do homem e da mulher como resultado das suas próprias ações. Concordamos com Marx quando ele aponta que a vida humana é determinada pela atividade prática e enxergamos que “a práxis se articula com todo o homem e o determina na sua totalidade”. (KOSIK, 1995, p. 223).

Dessa maneira, a práxis, entendida pelos autores anteriormente citados, cumpre um papel central na filosofia marxista, pois, por meio dessa categoria podemos adentrar em reflexões que visam abranger o desenvolvimento humano como ato produzido pelo próprio homem/mulher, “não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” (MARX e ENGELS, 2007, p. 94). Ao expressar que a produção e a garantia da vida humana se dá em decorrência da atividade prática, a filosofia materialista histórica e dialética de Karl Marx alcança um lugar de atualidade e de sua precisão teórica e metodológica por acompanhar o movimento de formação humana em sua essencialidade, contendo em si as influências e conseqüências dos movimentos das contradições presentes no processo de socialização na sociedade capitalista.

Trabalho: uma categoria

O humano constrói sua existência prática agindo ativamente na realidade, ao passo que a realidade se mostra primeiro como demanda e depois como resultado das ações do homem e da mulher diante da necessidade de intervenção. Essas ações de transformações na natureza são também a formação do próprio ser. A existência social é resultante da existência prática. Desse modo, compreendemos que a vida social é um fator decorrente das experiências práticas e materiais.

Marx (2013) aponta que é pelo trabalho que o homem e a mulher rompem com a barreira natural da vida e dão início a construção histórica e social do seu desenvolvimento, no qual, se relacionam com maior intervenção nos meios naturais para que se tenha a obtenção dos resultados que correspondem às suas necessidades e a formação das novas objetivações. Ao intervir na natureza por meio do trabalho, o homem e a mulher agem de maneira prática e respondem aos desafios impostos pela realidade material, portanto, é através desse processo de

objetivação que se tornam seres históricos, sociais e ativos, originando não só outros estados e estágios na sociedade, mas dando o ponto de partida ao desenvolvimento da sua humanização.

Dessa maneira, é a partir dessas atividades que o ser humano se (trans)forma em ser social, onde, em suas ações, são sujeitos e da sua própria história, construindo assim as demais relações que permitem a expressão das suas necessidades mais básicas e mais complexas diante da natureza.

Para Marx, a produção da vida material é possibilitada pelo trabalho, é no trabalho que está contido a ação fundante do ser, a atividade que garante ao humano sua capacidade de tornar-se humano. Em *O Capital*, o filósofo alemão defende que

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [*Naturmacht*]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, [...] Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. (MARX, 2013, p. 255)

Deste modo, o trabalho surge com o processo de adaptação da natureza às demandas concretas do sujeito, das ações que implicam transformações diretas na vida material, condição essa que tornou possível a perpetuação e transformação da vida humana, a ação formativa através da existência prática é que constrói a essência humana. Segundo Marx e Engels,

Podemos distinguir o homem dos animais pela consciência, pela religião ou por qualquer coisa que se queira. Porém, o homem se diferencia propriamente dos animais a partir do momento em que começa a produzir seus meios de vida, passo este que se encontra condicionado por sua organização corporal. Ao produzir seus meios de vida, o homem produz indiretamente sua própria vida material. (MARX & ENGELS, 2007, p. 19)

Segundo Engels, o trabalho: “É a condição básica e fundamental de toda vida humana”(ENGELS, 1876, p.4), ultrapassando a questão econômica, o trabalho surge com efeito maior que gerar riquezas, aparecendo como fator fundamental da criação do próprio homem, na criação do ser humano enquanto sujeito, sendo essa ação a atividade que impulsiona o desenvolvimento humano.

O trabalho sustenta a prática da existência humana é atividade responsável pelo desenvolvimento humano, uma atividade humana prática, teleológica, que parte da intencionalidade visando uma finalidade transformadora e material, está contido nele o processo de formação que perpassa gerações e gerações.

O trabalho produziu o homem à medida em que o homem agiu no mundo se colocando acima da dependência da natureza, utilizando-a para suprir suas necessidades, colocando-a à sua disposição, implicando na sua transformação para obter o que ele necessita. Marx aponta que o trabalho cumpre um papel:

Como formador de valores de uso, como trabalho útil, o trabalho é, desse modo, uma condição de existência do homem independentemente de todas as formas sociais, uma eterna necessidade natural de mediar o metabolismo entre homem e natureza, portanto, a vida humana. (MARX, 2013, p. 120)

De acordo com Lessa, “ a história humana é o desenvolvimento das sociedades mais simples às formações sociais cada vez mais complexas e desenvolvidas.”(LESSA, 2002, p.20). E afirma que o trabalho é a forma e fundamento ontológico do homem. É no trabalho que reside a atividade primeira da construção da generidade humana, da reprodução social, ao passo que “[...] a reprodução biológica da vida forma a base de todas as manifestações vitais do ser social, a primeira sem a segunda é possível, o contrário, não” (LUKÁCS, 1981, p. 234)

Esse desenvolvimento ocorre como resultante das intervenções na natureza, deste modo, a ação que transforma a natureza também transforma o homem, ao produzir novas situações esse processo é permeado pela projeção dos atos para que a ação resulte em alguma transformação da realidade.

[...] não há qualquer possibilidade de reprodução social sem a transformação da natureza nos meios de produção e meios de subsistência imprescindíveis a cada sociedade. Ou, em outras palavras, a sociedade é impossível sem a natureza – esta última é um pressuposto necessário da primeira. A sociedade, quer a tomemos em termos de sua origem, quer a observemos em termos de sua existência ao longo dos tempos, supõe a natureza como algo prévio, algo que lhe é anterior. Qualquer forma de sociedade seria inviável se ela não dispusesse da natureza como fonte de meios de subsistência e meios de produção. Toda sociedade tem sua existência hipotecada à existência da natureza – o que varia historicamente é a modalidade de organização dos homens para transformarem a natureza: variam, ao longo da história, os objetos produzidos a partir dos elementos naturais, bem como os meios empregados nessa transformação; mas permanece o fato de que a reprodução da sociedade depende da existência da natureza (LESSA, 2011, p. 132).

Portanto, para Lessa, o trabalho surge como ação composta por prévia ideação e objetivação, sendo, respectivamente, o processo de projeção dos atos para atender uma necessidade concreta e a realização do que foi previamente idealizado ou projetado.

Marx (2013) aponta que a ação de projetar suas ações de maneira antecipada e intencional visando obter um resultado que possa sanar sua necessidade é uma ação unicamente humana. Ao planejar previamente, o homem conscientemente age em busca da extração do resultado idealizado. Para Marx, esse momento e ação exclusivamente humana é chamado de prévia-ideação.

A prévia-ideação é a capacidade de planejar e projetar anteriormente o ato de responder às suas próprias necessidades e, conseqüentemente, é essa ação que corrobora com a diferenciação das atividades humanas e animais de intervenção na natureza. O filósofo alemão aponta que:

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça antes de construí-lo em cera. No fim do processo obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e portanto idealmente (MARX, 2013, p. 298).

Para Saviani, o trabalho é essencial para o homem, “(...) a essência do homem é o trabalho (...) é produzida pelos próprios homens (...) é um trabalho que se desenvolve, se aprofunda e complexifica ao longo do tempo: é um processo histórico.” (SAVIANI, 2007, p.154), dessa forma, é no trabalho que reside a essência humana, nessa atividade formativa o homem é produzido pelo próprio homem à medida que precisa intervir na natureza para garantir meios necessários para sua existência. O processo de adaptação e agência sobre a natureza é fator crucial para existência humana, a transformação e formação humana é resultante desse processo dialético.

Para os autores aqui citados, o trabalho é uma atividade essencialmente humana, onde não pode ser exercida fora do pilar da sustentação do ser.

O trabalho é uma ação que possibilita o homem e a mulher a agirem diante da natureza em busca de transformações que atendam suas necessidades. Diferente das ações de adaptação que partem dos animais, o trabalho tem sua concreticidade sobre o meio em que a ação humana observa e transforma, na qual sua agência muda a forma pré-existentes de objetos naturais em decorrência das suas necessidades. Dessa maneira, o trabalho cumpre um papel de gerar novas formas de objetividade que, ao deparar-se com as demandas naturais, suas ações resultam em algo novo. Portanto, o trabalho tem em sua ontogênese uma ação consciente. Lukács (2012, p. 235) afirma:

[...] assim como, no próprio trabalho, o saber real sobre os processos naturais envolvidos em cada caso concreto é imprescindível para poder desenvolver com êxito o intercâmbio orgânico da sociedade com a natureza, do mesmo modo um certo saber sobre a natureza dos homens, sobre suas recíprocas relações sociais e pessoais, é aqui indispensável para induzi-los a efetuar as posições teleológicas desejadas.

Essa atividade transformadora, de caráter teleológico, é mediada pela consciência, no qual seu resultado implica na transformação do meio natural com as ações previamente idealizadas. Ao produzir novas formas de agir o trabalho segue o movimento dialético que

encontra nas novas realidades materiais, novas demandas e necessidades de organizações objetivas e subjetivas. O movimento dialético desse processo está ligado à síntese de ações e resultados das atividades historicamente construídas pelo ser humano para atender necessidades concretas.

Portanto, a ocorrência dessas ações e suas consequências acarretam na causalidade. De início, essas atividades isoladas respondem a determinadas demandas específicas que, por sua vez, ao estarem atreladas a outras atividades podem gerar novas exigências objetivas e subjetivas, possibilitando efeitos que geram uma cadeia causal.

O movimento dialético entre a prioridade teleológica diante da causalidade é descrito por Lukács (2013, p. 48)

Vale dizer que, enquanto a causalidade é um princípio de automovimento que repousa sobre si próprio e mantém esse caráter mesmo quando uma cadeia causal tem o seu ponto de partida num ato de consciência, a teleologia, em sua essência, é uma categoria posta: todo processo teleológico implica o pôr de um fim e, portanto, numa consciência que põe fins.

Lukács afirma que a o trabalho assume o lugar na prioridade ontológica por ser a atividade basilar da construção do ser onde:

o trabalho é antes de tudo, em termos genéticos, o ponto de partida para tornar-se [devir] homem do homem, para a formação das suas faculdades, sendo que jamais se deve esquecer o domínio sobre si mesmo. Além do mais, o trabalho se apresenta, por um longo tempo, como o único âmbito desse desenvolvimento; todas as demais formas de atividade do homem, ligadas aos diversos valores, só se podem apresentar como autônomas depois que o trabalho atinge um nível relativamente elevado (LUKÁCS, 2012, p. 348)

A ação formativa do homem e da mulher é fruto da experiência prática, das atividades que transformam o meio e a si próprio, na qual responde às demandas materiais da existência, passando por um processo teleológico, onde os fatores materiais implicam em intervenções que visam atender às necessidades concretas. Segundo Lukács (2012)

O trabalho dá lugar a uma dupla transformação. Por um lado, o próprio ser humano que trabalha é transformado por seu trabalho; ele atua sobre a natureza exterior e modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza, desenvolve “as potências que nela se encontram latentes” e sujeita as forças da natureza “a seu próprio domínio”. Por outro lado, os objetos e as forças da natureza são transformadas em meios de trabalhos, em objetos de trabalho, em matérias-primas etc. (LUKÁCS, 2012, p. 286)

A formação do homem em ser social é derivada do processo de autoconstrução e automodificação. Ao buscar resolver questões cotidianas que sustentam sua existência, o homem e a mulher criam novas realidades que, por sua vez, implicam na adaptação frente à nova condição material e, portanto, em uma nova forma de sociabilidade.

Desta maneira, o homem e a mulher se constituem enquanto um ser social, um ser de relações com a natureza, seus pares e as derivações dos processos de subjetivação e objetivação. Esse processo de autoconstrução se dá por meio dessas intervenções através do trabalho.

[...] é necessário, de um lado, ter em conta que seu fundamento ineliminável é o homem com a sua constituição física, com a sua reprodução biológica. E, de outro, não perder jamais de vista que a reprodução se desenvolve num ambiente cuja base é certamente a natureza, mas que, não obstante, é sempre e cada vez mais modificado pelo trabalho, pela atividade dos homens, da mesma forma que a sociedade, na qual se verifica realmente o processo reprodutivo do homem, encontra cada vez menos já “prontas” na natureza as condições da própria reprodução as quais, ao contrário, ela cria mediante a práxis social dos homens (LUKÁCS, 1981b, p. 11)

Com a ação consciente dos homens e mulheres a transformação aparece como um processo histórico e eterno, tendo em vista que o ser resultante dessas ações visa objetivar processos sociais cada vez mais complexificados.

O caráter dialético do trabalho como modelo da práxis social [indica] que esta última, nas suas formas mais evoluídas, apresenta muitos desvios com relação ao próprio trabalho. (...) O trabalho é a forma fundamental e, por isso, mais simples e clara daqueles complexos cujo enlace dinâmico forma a peculiaridade da práxis social. (...) os traços específicos do trabalho não podem ser transferidos diretamente para formas mais complexas da práxis social. (...) o trabalho realiza materialmente a relação radicalmente nova do metabolismo com a natureza, ao passo que as outras formas mais complexas da práxis social, na sua grandíssima maioria, têm como pressuposto insuperável esse metabolismo com a natureza, esse fundamento da reprodução do homem na sociedade. (LUKÁCS 2013, p. 93)

Para Lukács, o trabalho assume uma forma originária e modelo da práxis humana, desse modo, é por e pelo trabalho que se fundamenta a ontologia do ser social. Com base nessa perspectiva ontológica do trabalho nota-se que o “salto ontológico” é oportunizado pela ação consciente e prática do homem e da mulher diante da realidade natural e, a cada ação, o mundo social é construído de acordo com essa transformação e autocriação humana.

O trabalho enquanto categoria essencial da formação do gênero humano tem uma função originária em seu desenvolvimento, é por meio dele que o ser se depara com as suas necessidades de existência e, partindo delas, ultrapassa essas condições gerando assim novas realidades materiais que derivam das suas ações primárias. Assim sendo, o trabalho é a condição constante para a criação das novas necessidades históricas, marcando assim o processo de desenvolvimento do ser social com uma ação de continuidade que origina novas condições sociais.

Portanto, é a partir do trabalho que ocorre o afastamento das barreiras naturais. E o mundo ao se tornar mais complexo, se torna cada vez mais social, sendo esse o fator

fundante do gênero humano. Ao pensar no elemento constituinte do ser social, partimos com o trabalho como sua base ontológica, sendo este o elemento decisivo de diferenciação do ser humano para o animal, onde o processo de sociabilidade é constituído pelas ações práticas que implicam na formação do ser e perpassa os aspectos econômicos, atingindo assim os complexos que formam o homem e a mulher como seres práticos, criativos e transformadores.

RELAÇÃO ENTRE PRÁXIS E TRABALHO

A precedência ontológica do trabalho é o que sustenta as outras formas de práticas humanas, com isso, entendemos o trabalho como sendo a práxis primeira, sendo o complexo inicial que possibilita o surgimento de outros complexos. Como vimos nos tópicos anteriores, o trabalho assume um papel de prioridade ontológica diante das demais categorias sociais. Essa constituição ontológica não pode ser inversa, tendo em vista que, é pelo trabalho que ocorre o desenvolvimento da generidade humana.

Inicialmente, o trabalho tem em sua condição a tarefa de suprir as necessidades imediatistas dos homens e mulheres, o que garante a existência diante da natureza. Porém, ao longo do processo de desenvolvimento o trabalho se instaura não apenas como garantia dessas necessidades, ele passa a ser o demarcador da passagem do ser biológico para o ser o social. Ao responder às demandas da realidade material, o homem e a mulher criam novas condições objetivas e intervenções na natureza.

Deste modo, a formação do ser social exprime a construção de outras formas de sociabilidade, dando início às necessidades históricas e sociais advindas de outras formas de práxis. Por isso, em decorrência desse salto ontológico, caminharemos em direção à teoria de que o trabalho exprime a gênese do ser social, entretanto, ao complexificar as estruturas sociais o trabalho abre possibilidade de outras formas que nos permitem enxergar a expressão do humano.

Netto e Braz (2008, p. 43) afirmam que “O trabalho é constitutivo do ser social, mas o ser social não se reduz ou esgota no trabalho. Quanto mais se desenvolve o ser social, mais as suas objetivações transcendem o espaço ligado diretamente ao trabalho”. Deste modo, o trabalho assume uma forma de práxis, mas a práxis não é expressão exclusivamente do trabalho.

Práxis e trabalho possuem características essencialmente humanas, isto é, são atividades essencialmente humanas. São processos históricos que, transformando realidades materiais objetivas, culminam na transformação também do próprio sujeito e na construção do ser social, são ações e efeitos externos ao próprio homem e a mulher que acabam por gerar a construção do próprio homem e da mulher, são atividades que respondem as demandas enfrentadas pelo ser e que ultrapassam barreiras naturais, interferindo no processo dialético da formação do ser.

No trabalho está contida a totalidade do ser social, em seu conjunto de ações estão presentes as atividades que sustentam a prática da existência humana em suas mais variadas formas, portanto, o trabalho surge como práxis primeira e, dentro dele, derivam as outras formas de práxis.

A humanidade resulta do processo histórico das intervenções do ser social, assim sendo, a humanidade é um produto de si mesmo, onde o ser é um sujeito e objeto da sua própria intervenção na natureza. Assim sendo,

[...] a vida só pode existir tendo por base o ser inorgânico, e sem a natureza como um todo não pode haver ser social. A troca orgânica do ser social com a natureza é a mediação ontológica que possibilita que o ser social se constitua enquanto esfera ontológica particular no interior da totalidade do ser em geral. Na tradição marxista, tal mediação é o trabalho (LESSA, 2002, p. 67).

Portanto, apontar o trabalho como condição da existência humana não implica dizer que a formação do ser social tenha todos os seus atos reduzidos à essa categoria. Pois,

[...] inúmeros atos humanos não podem ser reduzidos a atos de trabalho, em que pese o fato de o trabalho ser a forma originária e o fundamento ontológico das diferentes formas da práxis social [...] sem o trabalho [...] as inúmeras e variadas formas de atividade humano-social não poderiam sequer existir (LESSA, 2007b, p. 36).

O trabalho, como base fundamental para o processo de sociabilidade, cria os demais complexos que dão continuidade na formação do ser social. Nesse sentido, Lukács aponta que o trabalho é a ação que funda o ser social, a resposta prática das demandas que o homem e a mulher encontram na construção da sua própria formação, essas atividades dão novas oportunidades de surgimento de novas situações que, ao passar do tempo nessa construção histórica, tendem a complexificar, gerando outras formas de intervenção na vida social, sendo ele uma forma de práxis.

Portanto, o trabalho segue como um tipo de práxis, atividade essa que serve como modelo propulsor do desenvolvimento e da complexidade das outras formas de práxis, onde

essas correspondem a ampliação das mais variadas formas de intervenção do ser social. Desse modo, reside no trabalho o ponto de partida para as outras modificações das modalidades de práxis que visam suprir as demandas das novas práticas da vida social.

Lukács aponta que

É verdade que o trabalho e todas as formas de práxis dele diretamente originadas exercem desde o começo efeitos retroativos complexos sobre o trabalhador, sobre o ser humano praticamente ativo, transformando sua atividade em outra sempre mais ampla e ao mesmo tempo mais diferenciada e consciente, fazendo com que a relação sujeito-objeto se torne cada vez mais forte e, simultaneamente, de forma mais intensa, uma categoria dominante na vida humana. (LUKÁCS, 2010, p. 82)

Para SOUSA Jr (2021), “o trabalho se constitui no modelo de todas as formas de atividade humana práticas, isto é, da práxis social, a qual se define, de maneira geral e fundamentalmente por ser o modo de transformar posições teleológicas em realidade concreta, objetiva.” Deste modo, o trabalho exerce uma função de práxis primeira, onde deriva dele todas as outras formas de práxis:

O trabalho é a práxis primeira, mas esta abre um processo que se complexifica cada vez mais e desenvolve o ser social criando outras formas de práxis que não são trabalho e se distinguem dele, mas atuam na formação e desenvolvimento do ser social, como práxis, no mesmo metabolismo sócio-histórico cujo fundamento é o trabalho. (SOUSA Jr, 2021)

Os desdobramentos das práticas sociais não se resumem ao trabalho, sendo assim, por ir além do trabalho, a práxis segue como a categoria que expressa o humano, atividade que possui maior abrangência e que perpassa os demais complexos sociais. De acordo com Sousa Jr, essa expressão da práxis abarca as movimentações da formação humana, na qual, indica que:

As demais modalidades de práxis, que surgem do trabalho, isto é, são geradas a partir do processo desencadeado pelo trabalho, são ontologicamente secundárias em relação a ele, muito embora não menos importantes que o mesmo para a definição do ser social. Todas as demais modalidades de práxis, a política, a educativa, a estética, a artística, esportiva, etc, guardam entre si a mesma característica fundamental, distinguindo-se elas todas, em bloco, do trabalho porque são posições teleológicas estabelecidas mediante - e atuantes sobre - outros sujeitos e não sobre a natureza para produzir valor de uso. (SOUSA Jr, no prelo)

Portanto, tem-se no trabalho o ponto de partida para o processo da formação humana, na qual, para além do trabalho, reside na práxis a sua concreticidade e movimentação da construção da sociabilidade. Para Lukács, é

devido à práxis, o homem que continua a se desenvolver em uma multilateralidade cada vez mais variada se encontra defronte à sociedade, ao seu metabolismo com a

natureza, à sua formação de órgãos para desenvolvimento próprio etc. com o que não apenas cresce a corporificação objetiva da generidade, tornando-se cada vez mais variada em muitos aspectos, mas ao mesmo tempo coloca múltiplas e diferenciadas exigências ao indivíduo humano nela praticamente ativo (LUKÁCS, 2010: 82).

É no trabalho e na práxis que o homem e a mulher garantem sua existência, as duas categorias comportam as dimensões essenciais da necessidade social. Porém, é na práxis, em suas diversas formas, que o ser social alcança seu patamar de subjetivação e objetivação diante a realidade material. A práxis se firma como ação oriunda do trabalho, mas não podemos reduzir todas as atividades ao trabalho.

Segundo Sousa Jr,

O trabalho, então, como atividade humana, material, transformadora é práxis, mas, é uma práxis diferente de todas as outras formas possíveis porque é a única que se define como a condição material, última, efetiva da existência humana. Nesse sentido, o trabalho é uma práxis, mas é a práxis fundante de toda uma nova ordem de tipos de práxis diferentes do trabalho. (SOUSA Jr, 2021, p. 188)

As ações humanas são mais que trabalho, à medida que o ser social, por meio das suas intervenções na natureza e com seus pares, cria necessidades de novas relações, o próprio sujeito e condições concretas também são criadas. Esse movimento dialético dá início à criação de novas articulações, objetividades e complexos sociais, assim sendo:

[...] para articular a vida de todos os indivíduos em uma única história, o desenvolvimento social necessitou de um elevado número de novos complexos sociais, de novas mediações, que o tornaram muito mais contraditório, diferenciado e heterogêneo se comparado com o seu ponto de partida. A crescente heterogeneidade, portanto, não apenas não se contrapõe como é uma necessidade para o desenvolvimento de relações sociais crescentemente genéricas que articulam o destino de cada indivíduo ao destino de toda humanidade (LESSA, 2007b, p. 41).

A práxis alcança o humano de forma mais global, abrange de maneira mais ampla os complexos que interferem na formação de subjetividade e na concreticidade da objetivação do homem e da mulher, criando uma realidade material que interfere e também resultante do processo de humanização.

Ao expressarem agora outras demandas de sociabilidade, a práxis consegue abarcar os complexos sociais que fundam as categorias que constituem o ser social, tais como a educação, política, cultura e outras questões essenciais para a existência do homem e da mulher enquanto um ser prático e de relações.

O caráter onto-histórico da práxis permite que o ser desenvolva sua potencialidade na formação humana, as expressões da práxis corroboram com a produção histórica, cultural e

política dentro do processo da formação humana, onde a atividade prática e concreta é responsável pelo desenvolvimento da expressão do ser social.

CONSIDERAÇÕES LONGE DE SEREM FINAIS SOBRE A RELAÇÃO TRABALHO, PRÁXIS E FORMAÇÃO HUMANA

A intervenção prática e consciente do homem e da mulher na natureza é uma atividade essencialmente humana. E é partindo dessa ação que o mundo biológico passa a ser construído de maneira histórica e social. As atividades que visam responder suas demandas imediatas são a ponta do processo de formação de uma realidade mais complexa, onde, por sua vez, faz necessário cada vez mais intervenção e cada vez mais objetividade e subjetividade criadoras de obtenção das respostas às demandas.

[...] todas as objetivações singulares de todo e qualquer indivíduo produz novas necessidades e possibilidade objetivas e subjetivas (...) Neste particular, todos os atos humanos, sejam eles posições teleológicas primárias ou secundárias, são rigorosamente iguais: transformam o mundo em que vivem ao desencadearem novos nexos causais tanto na sociedade quando nas individualidades e, ao fazerem, produzem novas necessidades e possibilidades objetivas e subjetivas. (LESSA, 2012, p. 30)

Partindo dessas novas necessidades, o gênero humano se constitui enquanto ser social. Lukács, na esteira de Marx, defende que o ser social é um complexo de complexos, na qual, toda criação humana é resultado dessa síntese de objetivações e subjetivações. Dessa forma, a maneira como homem e mulher interagem e transformam a sociedade, é a maneira que se automodificam, é, por sua vez, a expressão da formação humana.

“homem se produz nas relações sociais de produção (...) o homem enquanto natureza e animal se confunde com a natureza em geral e com o mundo animal; mas pelo trabalho, na relação com os demais homens, se distingue e se produz homem, torna-se o único ser capaz de apropriar-se da natureza, transformá-la, de criar e fazer cultura” (FRIGOTTO, 1984, p 72.)

Enxergar o trabalho como práxis primeira nos alicerça a traçar caminhos que nos indicam as expressões das mais variadas práxis como expressões constituintes da formação social. A formação humana é a constante resultante da síntese entre as práxis, por isso, é importante evidenciar que a construção do ser social não se esgota no trabalho, pois, como sinalizado nos capítulos anteriores, o trabalho surge enquanto atividade primeira, onde

encontramos a gênese da formação do ser social, e é, em si, a ação originária, entretanto, não é no trabalho que reside exclusivamente o caráter formador do homem e da mulher enquanto ser social.

A formação humana é o que resulta das relações entre as formas de sociabilidade da relação dialética entre atividades práticas (trabalho, práxis) e natureza. Ao evidenciar que o processo de formação do humano surge das relações das atividades práticas implica encarar que, os elementos constituintes dessa formação têm, em si, um princípio educativo.

Sousa Jr aponta que o princípio educativo do trabalho, enquanto práxis primeira, se manifesta no sujeito e

[...]permite a ele aperfeiçoar seus conhecimentos e suas habilidades, que permite a ele avançar e crescer como agente transformador do mundo; esse efeito é parte essencial do próprio metabolismo que funda a existência do ser social e é também a dinâmica material, prática fundamental da formação humana. Esse efeito é, dessa forma, o dado fundador do ser social, por isso a fundação do ser social é, em si, desde o princípio um processo prático, educativo e está vinculado ao trabalho, daí o princípio educativo do trabalho e seu valor como postulado filosófico e pedagógico. (SOUSA Jr, 2021, p. 224)

Por garantir a existência do ser social com base em processos de socialização, ou seja, na ação e compreensão do real, a práxis aparece como expressão global da formação humana.

A categoria práxis nos permite compreender que, em última análise, como ser de atividade, é a partir de sua práxis que os homens e as mulheres se humanizam. O trabalho representa uma faceta do processo da formação humana e vincula-se mais fortemente a uma dada esfera ontológica, a da produção material. (...) A práxis é a categoria que nos permite atravessar todos os complexos surpreendendo em todos eles a atividade humana transformadora como seu fundamento e como processo essencial da formação humana. (SOUSA Jr, 2021, p. 236)

A ação cotidiana, prática e transformadora presente e formadora do processo de desenvolvimento do gênero humano nos permite enxergar o princípio educativo que compõe a garantia da existência humana. Com isso, tal modo de aprender e ensinar por meio das ações concretas, são, em si, a manifestação e materialização dos complexos que formam a totalidade do ser social.

A totalidade do ser social surge de um conjunto de ações que estão sempre em movimento, de tal maneira que a formação humana é um produto em constante desenvolvimento, pois é gerado através das demandas dos homens e das mulheres diante das suas necessidades. A relação do trabalho enquanto práxis primeira e as demais práxis nos permite compreender a conformidade e dependência dessas categorias para atestar a atividade prática enquanto princípio ontológico da formação humana.

A realidade social é uma totalidade, é um conjunto de necessidades específicas de determinadas práxis, é cercado por suas contradições e está sempre em construção e desenvolvimento, portanto, a condição da existência humana é a necessidade de objetivação dos seus processos subjetivos para poder atuar diante das demandas oportunizadas pela complexificação da sociedade e do homem e da mulher. Tal condição nos indica que a formação humana é o processo eterno da condição do ser social, onde, partindo das condições materiais criadas para atender determinadas necessidades surgem sempre outras condições que impulsionam a transformação material do ser social.

REFERÊNCIAS

BARATA-MOURA, J. **Ideologia e prática**. Lisboa: Editorial Caminho, 1978.

_____. **Para uma crítica da «filosofia dos valores»**. Lisboa: Livros Horizonte, 1982.

_____. **Prática – para uma aclaração do seu sentido como categoria filosófica**. Lisboa: Edições Colibri, 1994.

ENGELS, Friederich. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem (1876)**. Revista Trabalho Necessário| ISSN: 1808-799X, v. 4, n. 4, 1963.

FERNANDES, Sabrina. **Se quiser mudar o mundo: um guia político para quem se importa**. São Paulo: Planeta, 2020.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional**. In FAZENDA, Ivani (Org.). Metodologia da pesquisa educacional. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

KONDER, L. **O futuro da filosofia da práxis - o pensamento de Marx no século XXI**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

LAKATOS, Eva Maria ; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. - 7 ed.- São Paulo: Atlas, 2010.

LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal/lógica dialética**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1983.

LESSA, S. *Mundo dos homens: trabalho e ser social*. São Paulo: Boitempo, 2002.

_____. **O processo de produção/reprodução social: trabalho e sociabilidade**. CFESS/ABEPSS. Capacitação em Serviço Social e política social. Módulo, v. 2, p. 19-33, 1999.

_____. **Para compreender a ontologia de Lukács**. Ijuí: Unijuí, 2007a.

_____. **Serviço Social e trabalho: porque o Serviço Social não é trabalho**. Maceió: Edufal, 2007b.

_____. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

LUKÁCS, György. **Prolegômenos: para uma ontologia do ser social**. São Paulo, Editora Boitempo, 2010.

_____. *Per una Ontologia dell'Essere Sociale*. Roma: Riuniti, 1981. v. 2.

_____. **Para uma ontologia do ser social I**. Tradução Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. **Para uma ontologia do ser social II**. Tradução Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. **As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem**. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1978.

MARX, K. **Teses sobre Feuerbach**. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>>. Acesso em: 12 NOV. 2022

_____. **O capital: crítica da economia política**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013. Livro I.

_____. **Para a crítica da economia política**. Tradução de José Arthur Giannotti e Edgar Malagodi. São Paulo: Nova Cultural, 1987

MARX, K. e ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. Tradução Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **A sagrada família**. São Paulo: Boitempo, 2003.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: . (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 9-29.

OPITZ, Heinrich. **A práxis como categoria central da teoria materialista da sociedade – sobre a gênese do conceito de práxis de Marx**. In: MAGALHÃES-VILHENA, V. de. (Org.). Práxis – a categoria materialista de prática social. Lisboa, Livros horizonte, 1980, Vol. I, pp. 85-108.

SAVIANI, Dermeval. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos**. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-165, jan./abr. 2007.

SOUSA Jr, J. **Práxis, ontologia e formação humana**. Lisboa: Lisbon Press, 2021.

_____. **Educação, trabalho e práxis**: uma contribuição ao debate brasileiro sobre a politecnia. In: MENEZES NETO, A. J., CUNHA, D. M. et. al. (Orgs.) Trabalho, política e formação humana: Interlocuções com Marx e Gramsci. São Paulo: Xamã, 2009. p. 99-114.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **A filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
_____. **Filosofía de la praxis**. 3ª edición corregida y aumentada. México, Barcelona, Buenos Aires: Grijalbo, 1980.